

A STIMMUNG NA RELAÇÃO ENTRE O VENTO E ANA TERRA EM O TEMPO E O VENTO, DE ERICO VERISSIMO

THE STIMMUNG IN THE RELATION BETWEEN THE WIND AND ANA TERRA IN O TEMPO E O VENTO BY ERICO VERISSIMO

Ana Lúcia Corrêa Darú¹

Greicy Pinto Bellin²

RESUMO

Este artigo pretende analisar a relação entre o vento, a *Stimmung* e a personagem Ana Terra na novela homônima do escritor Erico Verissimo (1905-1975), a qual consta como o segundo episódio do volume *O Continente* (1949) na trilogia *O tempo e o vento*. Observa-se uma inegável relação entre o vento e a protagonista Ana Terra, a qual será analisada com base no conceito de *Stimmung*, explorado por Hans Ulrich Gumbrecht em seu livro *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Destacaremos, nesta análise, o componente simbólico do vento enquanto elemento natural, bem como sua importância na narrativa de formação histórica do Rio Grande do Sul e sua representação em momentos chave da novela de Erico Verissimo.

Palavras-chave: Ana Terra. Vento. Minuano. Rio Grande do Sul. *Stimmung*.

ABSTRACT

This article seeks to analyze the relationships between the wind, Stimmung and the character Ana Terra in the novel with the same title written by Erico Verissimo (1905-1975), which is the second episode of the volume O Continente (1949) on the trilogy O tempo e o vento. It is possible to observe an undeniable relationship between the wind and the character Ana Terra, which will be analyzed with a basis on the concept of Stimmung, explored by Hans Ulrich Gumbrecht in his book Atmosphere, mood and Stimmung. We will emphasize, in this analysis, the symbolic component of the wind as a natural element, as well as its importance in the narrative of the historical formation of Rio Grande do Sul, and its representation in key moments in Erico Verissimo's narrative.

Keywords: Language. Ana Terra. Wind. Minuano Wind. Rio Grande do Sul, *Stimmung*.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária da UNIANDRADE.

2 Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária da UNIANDRADE.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar a relação entre o vento e a personagem Ana Terra na trilogia *O tempo e o vento*, de autoria de Erico Verissimo (1905-1975), mais especificamente em *Ana Terra*, segundo episódio do volume *O Continente* (1949), que compõe a primeira parte da trilogia, a qual trata da formação histórica do Continente de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, desde 1745 até o fim do Estado Novo, em 1945. A obra, de magnitude épica, também se compõe de *O retrato*, publicado em 1951, e *O arquipélago*, publicado em 1961. Segundo Massaud Moisés (1996, p. 230), “Com *O tempo e o vento*, o escritor encontrava sua maneira mais funda de ser, como homem e profissional das letras: a estrutura de novela, a serviço da epopeia de seu povo”.

O vento é de fundamental importância na narrativa, e obviamente não figura nela por acaso, considerando que Verissimo escolheu para a obra um título em que consta esta palavra. A relação estabelecida entre o vento e a protagonista Ana Terra será considerada enquanto representação material nas situações desencadeadas pela presença deste elemento e, por extensão, de seus efeitos na constituição do enredo. Para atingir este objetivo consideraremos o conceito de *Stimmung*, explorado por Hans Ulrich Gumbrecht em seu livro *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*, publicado em 2014. No *Dicionário Michaelis*, a palavra *Stimmung* aparece traduzida para o português como ambiente, “atmosfera”, “tendência”, “humor”, “ânimo”, “disposição”. Na visão de Gumbrecht, este “humor” ou “disposição” aparece nos textos literários como resultado de impactos físicos e psíquicos gerados no leitor a partir de representações materiais e não necessariamente relacionadas ao significado, conforme observaremos no romance de Erico Verissimo.

Antes de partir para a análise propriamente dita, faz-se necessário uma breve contextualização do romance e do referencial teórico que será utilizado, dada sua importância não apenas para este artigo, mas para a teoria literária como um todo. Além do conceito gumbrechtiano de *Stimmung*, trabalharemos também com a simbologia do vento de acordo com o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant, o qual nos fornecerá subsídios para a análise que será desenvolvida.

1 O TEMPO E O VENTO E O CONCEITO DE *STIMMUNG*: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

A parte intitulada *O Continente* compõe-se de *A Fonte*, *Ana Terra*, *Um certo Capitão Rodrigo*, *A Teiniaguá*, *A Guerra*, *Ismália Caré* e *O Sobrado*. A questão histórica retratada em *O tempo e o vento* é costurada por meio de eventos relevantes da época e de cenas em que personagens convivem com personalidades da históricas, entre eles o Major Rafael Pinto Bandeira (1740-1795). Nascido no Rio Grande, o major comandou batalhas para manter as posses portuguesas no estado, tendo sido o primeiro gaúcho a comandar forças militares do Continente de São Pedro. Bandeira aparece já no início de *Ana Terra*, sendo que sua presença é relacionada ao vento, relação que se torna marcante no seguinte trecho: “Estava claro que ventava também na manhã em que o Maj. Pinto Bandeira e seus homens passaram pela estância, a caminho do forte de Santa Tecla, onde iam atacar o inimigo” (VERISSIMO, 1999 p. 10).

Ao longo da narrativa, há muitas outras citações de militares que fizeram parte da consolidação do estado do Rio Grande do Sul, entre eles José Marcelino de Figueiredo (1735-1814), governador da Capitania de Rio Grande de São Pedro, de 1769 a 1771 e de 1773 a 1780; Pedro Ceballos (1715-1778) militar espanhol ligado ao Brasil por questões de comando em batalhas para a manutenção de posses espanholas no Sul do Brasil; e o general português Veiga Cabral (1742-1801), governador da capitania do Rio Grande de São Pedro entre os anos de 1780 e 1801. O convívio com figuras de relevância histórica se observa em toda a trilogia e atinge seu ápice em *O arquipélago*, em que o dr. Rodrigo Cambará, neto do capitão Rodrigo, possui grande atividade política no contexto do Estado Novo sob a tutela de Getúlio Vargas.

A obra de Verissimo é percebida por muitos estudiosos, entre eles o próprio Massaud Moisés, como sendo uma epopeia pelo seu caráter de representação das ações e lutas heroicas de um povo. Outros estudiosos utilizam o termo *saga* para caracterizar uma narrativa muito longa, organizada em capítulos, cujas personagens dão sequência a seus descendentes por gerações. Dessa forma, a saga, ou epopeia, dos Terra-Cambará, troncos familiares dos quais descendem as personagens mais importantes de *O tempo e o vento*, pode ser também classificada como um romance histórico que remonta a uma época marcada por lutas, mortes, violência, força e determinação de homens e mulheres gaúchos. Como afirma Umberto Eco (1994, p. 112), “um dos acordos ficcionais básicos de todo romance histórico é o seguinte: a história pode ter um sem-número de personagens imaginárias, porém o restante deve corresponder mais ou

menos ao que aconteceu naquela época no mundo real”.

É nessa perspectiva que Verissimo constrói sua longa narrativa, em um país ainda atrelado a Portugal como colônia de exploração, e organizado em capitanias hereditárias administradas por pessoas próximas à monarquia portuguesa. Todavia, há também, entre Brasil e Portugal, uma distância cultural, identitária e socioeconômica, “distâncias” essas que desencadeiam uma sensação de abandono e insegurança nos habitantes do Brasil e geram um ambiente de conspiração, disputas, lutas e inseguranças. Sendo, na época, geograficamente distante dos centros urbano-portuários do Brasil como as cidades de Salvador e Rio de Janeiro, o Continente de São Pedro era alvo constante de ataques de espanhóis que almejavam conquistar mais territórios para a corte espanhola. Os conchavos políticos, a crescente exploração de recursos naturais, e a inconsistência das leis proporcionavam desafios enormes aos gaúchos. São estes gaúchos, por sinal, que tem a sua história ambientada por Verissimo, em representações que resgatam a coragem e a persistência de homens e mulheres no enfrentamento aos invasores.

Considerando todas essas questões, a leitura do episódio *Ana Terra* traz uma representação afetada pela complexidade sociocultural, étnica e climática do Rio Grande do Sul nessa época turbulenta, o que justifica a importância de se analisar a ambiência e a *Stimmung* enquanto elementos preponderantes no texto literário.

Em *Atmosfera, ambiência e Stimmung* (2014), Hans Ulrich Gumbrecht desvenda a *Stimmung*, conceito que surge no século XVIII primeiramente em relação à música, pois, etimologicamente, *Stimme* significa voz, e *Stimmen* significa *estar correto* no que diz respeito a afinar um instrumento. Na esfera da teoria literária, o termo alcança outras acepções, como apresenta Arlenice Almeida da Silva (2016, p. 53): “*Mut*, coragem ou brio, e de *Gemüt*, índole ou ânimo; daí sua tradução mais frequente como sentimento ou disposição subjetiva.” A polissemia do termo *Stimmung* ainda abarca os sinônimos em inglês *mood* (sensação interior) e *climate* (algo objetivo que exerce influência física nas pessoas). Importa destacar que tanto atmosfera quanto ambiência e *Stimmung* convergem para percepções sensoriais que podem não estar explícitas no texto, constituindo efeitos específicos captados pela intuição de um leitor atento, gerando significados além de si mesmos. Tratam-se de efeitos com as quais os seres vivos mantêm uma conexão, pois desencadeiam interpretações atreladas a estados físicos, emocionais e psicológicos: “Ser afetado pelo som ou pelo clima atmosférico é uma das formas de experiência mais fáceis e menos intrusivas, mas é, fisicamente, um encontro (no sentido literal de *estar-em-contra*: confrontar) muito con-

creto com nosso ambiente físico.” (GUMBRECHT, 2014, p. 13).

Gumbrecht se refere à atmosfera como algo que está no texto, ainda que nem sempre de forma explícita, e que é capaz de afetar o leitor: “(...) os textos afetam os “estados de espírito” dos leitores da mesma maneira que o clima atmosférico e a música” (GUMBRECHT, 2014, p. 14). A *Stimmung*, portanto, pode ser definida como a presença de algo que atinge a psique do leitor, apresentando um potencial dinâmico, o qual acaba por “tornar-se presente” (GUMBRECHT, 2014, p. 30). Ainda segundo o estudioso, “ler com atenção voltada ao *Stimmung*” sempre significa prestar atenção à dimensão textual das formas que nos envolvem, que envolvem nossos corpos, enquanto realidade física – algo que consegue catalisar sensações interiores sem que questões de representação estejam necessariamente envolvidas” (GUMBRECHT, 2014, p. 14). Tais elementos aparecem com frequência em *O tempo e o vento*, e não apenas pela presença do termo “vento” no título da trilogia, mas por simbolizar a dinâmica das ações que envolvem os personagens, bem como o impacto da ambiência nos estados de espírito da própria Ana Terra, conforme analisaremos a seguir.

O vento enquanto metáfora aparece em muitas narrativas, entre elas *Gone with the Wind* (*E o vento levou*), romance histórico de Margaret Mitchell publicado em 1936 pela editora britânica Macmillan Publishers. É importante destacar que esta obra é citada em *O arquipélago*, terceiro volume da trilogia, em uma conversa entre Floriano Cambará, um dos últimos descendentes do clã dos Terra-Cambará, e sua namorada norte-americana Mandy Patterson, que afirma que ele teria sucesso como escritor se escrevesse a saga de sua família. Sob este aspecto, é importante ressaltar que *E o vento levou* é, assim como *O tempo e o vento*, uma narrativa épica que trata da Guerra da Secessão nos EUA, o que confere relevo e importância à afirmação de Mandy e às possíveis relações de intertextualidade entre as duas obras, especialmente tendo em vista que o próprio Veríssimo morou nos Estados Unidos, tendo lecionado na Universidade de Berkeley, na Califórnia.

O vento também impulsiona as ações em outro romance famoso da literatura inglesa: *O Morro dos Ventos Uivantes*, lançado em 1847, de autoria de Emily Brontë. A narrativa transcorre em uma região rural da Inglaterra envolvendo a história de uma casa que ficava no alto de uma colina castigada sempre por intensos e constantes ventos. Esta casa é habitada pela família do Sr. Earnshaw, um senhor abastado que encontra um órfão abandonado e faminto nas ruas de Liverpool e o leva para casa, onde mora com a governanta e dois filhos, Catherine e Hindley. Ao órfão é dado o nome de Heathcliff (*cliff* significa “penhasco” em inglês); com o passar do tempo ele

ganha a confiança de Catherine e acaba por apaixonar-se por ela. É possível, de certa maneira, comparar a adoção do órfão na família do Sr. Earnshaw, de *O Morro dos Ventos Uivantes*, à entrada de Pedro Missioneiro na família de Maneco Terra, em *O tempo e o vento*. Em ambas as narrativas os agregados desencadeiam grandes mudanças nas personalidades das heroínas, sendo que no romance de Verissimo a mudança é maior e mais consistente.

Na mitologia grega, o vento corresponde a uma manifestação divina: “entre os gregos, os ventos eram divindades inquietas e turbulentas, contidas nas profundas cavernas das Ilhas Eólias” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 936). Na simbologia, o vento é materialmente diverso em consequência da multiplicidade de formas de se apresentar na natureza:

Nas tradições bíblicas, os ventos são o sopro de Deus. O sopro de Deus ordenou o caos primitivo; animou o primeiro homem. A brisa nos olmos anuncia a chegada de Deus. Os ventos também são instrumentos da força divina; dão vida, castigam, ensinam; são sinais e, como os anjos, portadores de mensagens. São manifestações de um divino, que deseja comunicar as suas emoções, desde a mais terna doçura até a mais tempestuosa cólera. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 936)

Das muitas acepções e metáforas que são encontradas em textos literários, dicionários ou em livros sagrados, o que se pode afirmar é que o vento é ar, elemento essencial para os seres vivos. Portanto, pode-se depreender que as sensações físicas e psíquicas criadas a partir das referências ao vento enquanto personificação dentro do texto literário são capazes de construir *Stimmung*, sendo algo concreto, e orgânico na relação com a personagem Ana Terra, conforme destaca Gumbrecht (2014, p.32): “O que me interessa são os ambientes e as atmosferas absorvidos pelas obras literárias, enquanto forma de “vida”- ambientes com substância física, que nos toca “como se de dentro”.

Em *Ana Terra*, a palavra *vento* é mencionada vinte e seis vezes e as derivadas desta, como, ventando, ventosos, ventava, ventania, aparecem nove vezes. Somadas todas essas menções juntamente com a palavra *minuano*, são trinta e nove referências no episódio. As circunstâncias em que essas palavras aparecem estão relacionadas à personagem Ana Terra, às suas percepções mediadas pelo narrador. Em apenas três ocasiões isso não ocorre: quando a palavra *ventania* é citada por Pedro Missioneiro, quando aparece relacionada à família Terra e ao major Rafael Pinto Bandeira em trecho já citado neste artigo.

O vento mais característico do Rio Grande do Sul, prenunciador das baixas temperaturas, é o minuano, conforme registrado no *Dicionário da terra e da gente do Brasil*: “(...) nome de um vento frio e seco, vindo do Sudoeste, e que sopra violentamente no inverno. É oriundo dos Andes, e, por passar na região primitivamente habitada pelos ameríndios minuanos, tomou esta designação” (SOUZA, 1939, p. 257). A convivência dos gaúchos com esta manifestação atmosférica é capaz de gerar *Stimmung*, tendo em vista que ela pertence a uma determinada região geográfica e representa um desafio perene, durante os meses de inverno, todos os anos, moldando, orgânica e psicologicamente, os habitantes daquele local. Trata-se de um vento que desafia o gaúcho, conforme o trecho a seguir: “O inverno entrou e houve horas, longas horas, em que o minuano arrepelou as macegas e cortou o ar como uma navalha. (...) Muitas vezes pela manhã seus pés pisavam a geada do caminho. E na água gelada seus dedos ficavam roxos e entanguidos” (VERISSIMO, 1999, p. 69).

A adaptação do corpo ao frio, e do olhar ao céu cinzento do inverno e ao nevoeiro que se instala no horizonte por muitos dias afeta não só o físico, mas também o emocional e o psicológico, de forma que o vento minuano acaba por interferir na vida das pessoas. Assim é com Ana Terra, cujo sobrenome é uma marca de resistência gravada em sua identidade. O sobrenome *Terra* remete à capacidade do solo de renascer, de conviver com as intempéries, de modificar-se a cada estação, o que acontece com a protagonista, que possui capacidade de resistir às intempéries de sua história, transformando-se em uma heroína. Conforme define Silva, “o conceito de herói está estreitamente ligado aos códigos culturais, éticos e ideológicos, dominantes numa determinada época histórica e numa determinada sociedade.” (SILVA, 1996, p.700). Ana Terra é genuína e proativa, como, aliás, cabe a uma heroína: “E agora ela tinha enterrado o pai e o irmão e ali estava, sem casa, sem amigos, sem ilusões, sem nada, mas teimando em viver. Sim, era pura teimosia. Chamava-se Ana Terra.” (VERISSIMO, 1999, p. 103).

Tanto Ana Terra quanto Scarlett O’Hara de *E o vento levou*, guardadas as devidas proporções, são heroínas e protagonistas cuja força, determinação e resistência fazem parte de sua essência. As duas têm o vento como uma metáfora da transposição, como se percebe ao se analisar o termo pelo viés simbólico: “Por ser impalpável e mudar rapidamente de direção, o vento simbolizava a fugacidade, a instabilidade e a vaidade; por produzir a tempestade, é também símbolo dos poderes divinos ou das paixões humanas (...)” (LEXIKON, 1994, p. 202).

2 A STIMMUNG NA RELAÇÃO ENTRE ANA TERRA E O VENTO

A fim de compreender *Ana Terra*, é importante retomarmos alguns aspectos de *A Fonte*, primeiro episódio de *O Continente*, considerando que o personagem Pedro Missioneiro faz a conexão entre os dois episódios. Em *A Fonte*, Pedro chega à colônia dos jesuítas e indígenas nos Sete Povos das Missões no ventre de sua mãe, uma indígena. Ao dar-lhe à luz, ela morre e o filho é criado pelos padres moradores da missão. Apesar de ter jeito de índio, Pedro Missioneiro é mestiço, conforme observa o irmão de Ana Terra: “Mas não é índio puro – observou Antônio em voz baixa. – É muito alto para ser índio, e a pele é mais clara que a dos bugres” (VERISSIMO, 1999, p. 18). É esse mestiço quem segue para o segundo episódio onde conhece Ana, filha dos descendentes de portugueses e paulistas de Sorocaba Henriqueta e Maneco Terra.

Com vinte e cinco anos no início da narrativa e vivendo na estância com os pais e os dois irmãos Antônio e Horácio, Ana Terra é representada como uma moça da roça sem estudo formal: “na estância onde Ana vivia com os pais e os dois irmãos, ninguém sabia ler, e mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio” (VERISSIMO, 1999, p.7). Durante o desenrolar da narrativa, a personagem parece, em alguns aspectos, afastar-se do modelo feminino representado por sua mãe, mulher submissa e escravizada pelo marido. Um exemplo deste distanciamento se observa em suas atitudes quando a estância onde mora é destruída em um ataque dos castelhanos: “Ergueu-se e caminhou na direção da cabana. Lembrava-se agora de que o pai, ao saber da aproximação dos bandidos, enterrara todo o dinheiro que havia em casa. Tomou da pá e começou a cavar a terra bem no lugar onde estivera uma das camas.” (VERISSIMO, 1999, p. 100). Ana, ao contrário de sua mãe, que se destaca pela resignação, herdou a personalidade do pai: “sim, era pura teimosia. Chamava-se Ana Terra. Tinha herdado do pai o gênio de mula.” (VERISSIMO, 1999, p. 103). Apesar de terem a sua função nas tarefas domésticas, as mulheres acabavam acompanhando os homens em suas tarefas na roça:

Acordava e pulava da cama, mal raiava o dia. Ia aquecer a água para o chimarrão dos homens, depois começava a fazer a diária: ajudar a mãe na cozinha, fazer pão, cuidar dos bichos do quintal, lavar a roupa. Por ocasião das colheitas ia com o resto da família para a lavoura e lá ficava mourejando de sol a sol. (VERISSIMO, 1999, p. 9)

Mesmo assim, ainda cabia aos homens governar as ações das mulheres: “nem ao Rio Pardo o Maneco consentia que ela fosse. Dizia que mu-

lher era para ficar em casa, pois moça solta dá o que falar.” (VERISSIMO, 1999 p. 16). As histórias contadas na região alimentavam um imaginário de violência em relação à figura feminina: “Ouvia contar histórias horríveis de mulheres que tinham sido roubadas e levadas como escravas pelos índios coroados (...)”. (VERISSIMO, 1999 p. 15). A *Stimmung*, por sua vez, transpore a partir da construção entre uma relação entre a alma dos personagens e a natureza física que os rodeia: “parecia que a terra ia se entranhando não só na pele como também na alma deles” (VERISSIMO, 1999 p. 15).

As ações das personagens que compõem o episódio *Ana Terra* são intermediadas por um narrador heterodiegético, conforme terminologia de Gérard Genette, utilizada para designar um narrador que não participa da história, ou diegese, “(...) Genette considera que a *persona* do narrador não deve ser caracterizada e definida em função de formas gramaticais, mas em função do seu estatuto narrativo.” (SILVA, 1996 p. 761). É importante frisar que este narrador, cuja perspectiva é onisciente e onipresente, narra as ações, sentimentos, sensações e pensamentos das personagens que vivem na estância da família em uma área rural do sul do Brasil. Percebe-se que a narração contribui para a constituição da *Stimmung*, proporcionando ao leitor conhecer as personagens pelo ângulo externo e interno: “E ali deitada no chão, a olhar para as estrelas, ela se sentia agora tomada por uma resignação que chegava quase a ser indiferença. Tinha dentro de si uma espécie de vazio: sabia que nunca mais teria vontade de rir nem de chorar.” (VERISSIMO, 1999, p. 102). Nesta passagem, observa-se que o narrador usa o verbo “sentir” a fim de desvendar o estado interno da personagem. Em relação a essa questão, Gumbrecht afirma: “Para que a exigida densidade de sensações seja articulada nos textos, mais do que no nível da representação – ou seja, para que as formas e os tons sejam “carregados”, como se de carga elétrica –, é necessário que ocorra a habitualização.” (GUMBRECHT, 2014, p.31). A *Stimmung*, portanto, contribui para o conhecimento ou reconhecimento da profundidade interna da personagem. As representações do espaço também sofrem o impacto do narrador heterodiegético, pois ele traz as especificidades das relações entre as personagens e o lugar onde estão inseridos: “Eles guardavam na memória os dias da semana; viam as horas pela posição do sol; calculavam a passagem dos meses pelas fases da lua; e era o cheiro do ar, o aspecto das árvores e a temperatura que lhes diziam das estações do ano.” (VERISSIMO, 1999 p. 7).

A *Stimmung* é criada no texto a partir do impacto psíquico das relações entre Ana Terra e os elementos da natureza como colinas, plantas, animais, sol, lua, vento, nuvens no horizonte, o combinado de cores do pôr do sol, a seca ou a abundância de chuva, e com a temperatura: “Por essa época

os ventos da primavera tinham amainado, e pelo cheiro do ar, pelo calor que começava, pelo aspecto dos campos e das árvores, os Terras sentiram que entrava o verão.” (VERISSIMO, 1999 p. 27). O vento, principalmente, é, para Ana Terra, uma presença viva: “quando um novo inverno chegou e o minuano começou a soprar, ela o recebeu como a um velho amigo resmungão que gemendo cruzava por seu rancho sem parar e seguia campo fora. Ana Terra estava de tal maneira habituada ao vento que até parecia entender o que ele dizia.” (VERISSIMO, 1999 p. 142).

Ana Terra possui uma forte intimidade com o vento, o que reforça a ideia de impacto psíquico que subsidia a construção da *Stimmung*: “Ana ficava acordada debaixo das cobertas, escutando o vento, eterno viajante que passava pela estância gemendo ou assobiando, mas nunca apeava do seu cavalo; o mais que podia fazer era gritar um – ‘Ó de casa!’ – e continuar seu caminho campo em fora.” (VERISSIMO, 1999, p. 8). A expressão “Ó de casa!” constitui uma personificação que traz para o texto a conversa informal de dois vizinhos ou companheiros. E a conversa continua: “E dentro daquela casa aquela noite só se ouviu a voz do vento, porque ninguém mais falou. (VERISSIMO, 1999, p. 68).

Vento e solidão são os constituintes por excelência de uma ambiência que funciona como uma das principais configuradoras da *Stimmung*: “E Ana só via a seu redor quatro pessoas: o pai, a mãe e os irmãos. Quanto ao resto, eram sempre aqueles coxilhões a perder de vista, a solidão e o vento (...).” (VERISSIMO, 1999, p. 8). O afastamento da estância em relação aos centros urbanos também representa, por sua vez, o isolamento experimentado pelos habitantes do Continente de São Pedro, abandonados pelo governo. “E me contou muito em segredo que faz quase dez anos que a Corte não manda pagar os soldados do Rio Grande. “Vosmecê sabe melhor do que eu, major” - ele me disse, - “o que esses pobres-diabos passam. Nem uniforme têm (...).” (VERISSIMO, 1999, p. 136).

A solidão de Ana Terra parece terminar no dia em que encontra o mestiço Pedro Missioneiro, sendo que o vento sinaliza o rito de passagem da moça da roça para a mulher madura: “Ana Terra fez alto, depôs o cesto no chão e suspirou. O vento impelia as palmas dos coqueiros na mesma direção em que esvoaçavam seus cabelos.” (VERISSIMO, 1999, p. 9). Ao descrever que os cabelos da protagonista iam para certa direção, o narrador demonstra, simbolicamente, que os desejos da personagem apontavam para lá. Nesse momento, observa-se a emoção de Ana diante da própria imagem refletida no espelho da água na sanga:

Ana aproximou-se da pedra onde sempre batia roupa, e depôs o cesto junto dela. Deu alguns passos à frente, ajoelhou-se à beira do poço fundo, fez avançar o busto, baixou a cabeça e mirou-se no espelho da água. foi como se estivesse enxergando outra pessoa: uma moça de olhos e cabelos pretos, rosto muito claro, lábios cheios e vermelhos. (VERISSIMO, 1999, p. 10).

Este trecho poderia ser interpretado como a iniciação da protagonista no universo feminino. Assim como acontece com as sementes, que ganham vida com a água, Ana Terra, ao tocar na água da sanga, relembra o único homem que lhe pode servir de referência masculina: “Ana Terra guardava lembrança daquele dia como quem entesoura uma joia. Estava claro que ventava também na manhã em que o Maj. Pinto Bandeira e seus homens passaram pela estância, a caminho do forte de Santa Tecla, onde iam atacar o inimigo.” (VERISSIMO, 1999, p. 10).

Em meio a este devaneio quase erótico, Ana Terra se depara com o mestiço Pedro Missioneiro caído desacordado e ferido na beira da água. Esse encontro mudará para sempre sua vida. Em seguida, ela corre ao encontro do pai e dos irmãos para contar sobre o forasteiro. “Ana agora tinha diante de si três caras morenas, curtidas pelo vento e pelo sol.” (VERISSIMO, 1999, p. 14).

O mestiço é, então, levado para a casa de Maneco Terra e lá é cuidado pela protagonista. O tempo cicatriza as feridas do rapaz e abre imensas brechas em uma Ana Terra desconfiada e arisca, mas pronta para o despertar sexual. Enquanto Pedro se recupera, o inverno abre caminho para o sol e o calor da primavera. Há um colorido e perfume que vêm com as flores fazendo um ciclo novo acontecer dentro da própria natureza de Ana Terra: “No momento em que ele abriu a porta, Ana Terra por um instante viu, ouviu e sentiu a chuva, o vento, a noite e a solidão” (VERISSIMO, 1999, p. 33). Ela, de repente, permite-se sentir. E no uso do verbo *sentir* está implícito o “ser tocada por dentro”, o que reforça a existência da *Stimmung* surgido a partir da subjetividade da protagonista e de suas descobertas na implacável ação do tempo e das manifestações da natureza.

Certa noite, Pedro Missioneiro tira uma flauta do bolso e enche a casa dos Terra de melodia: “A chama da lamparina dançava, soprada pelo vento que entrava pelas frestas do rancho. As sombras das pessoas refletidas nas paredes cresciam e minguavam. Com a cabeça apoiada nas mãos, Maneco Terra escutava.” (VERISSIMO, 1999, p. 32). A música, que sai da flauta de Pedro Missioneiro, provoca em cada personagem sua dose de nostalgia. Dona Henriqueta chora, os irmãos distraem-se. Ana tem seus pensa-

mentos levados pelo vento:

De repente Ana Terra descobriu que aquela música estava exprimindo toda a tristeza que lhe vinha nos dias de inverno quando o vento assobiava e as árvores gemiam – nos dias de céu escuro em que, olhando a soledade dos campos, ela procurava dizer à mãe o que sentia no peito, mas não encontrava palavras para tanto. Agora a flauta do índio estava falando por ela (...). (VERISSIMO, 1999, p. 32-33)

De repente, a música se cala e o silêncio retorna: “Agora só ouvia o ruído da chuva e o chiar da chama da lamparina batida pelo vento.” (VERISSIMO, 1999, p. 33). Pedro Missioneiro abre a porta e se vai deixando a protagonista mergulhada em sua própria melancolia.

O vento estabelece um paralelo com os sentimentos da protagonista, sendo companheiro e, ao mesmo tempo, testemunha: “Aquele verão foi seco e cruel. Quando o áspero vento norte soprava, Ana Terra ficava de tal maneira irritada, tão brusca de modos e palavras, que D. Henriqueta murmurava: ‘O que essa menina precisa mesmo é casar duma vez...’” (VERISSIMO, 1999, p. 53).

O verbo *casar*, para além de seu significado literal, apresenta significados simbólicos que ampliam sua interpretação:

Núpcias, em muitas religiões, é símbolo da união dos poderes divinos entre si (quase sempre personificados), ou entre o homem e Deus ou deuses, ou entre a alma e o corpo; ou especialmente na alquimia, é símbolo da união dos opostos. A Antiguidade, por exemplo, conhecia o casal de deuses, Júpiter (Zeus) e Juno (Hera), mas também inúmeras relações do pai dos deuses com mulheres mortais. O Antigo Testamento fala do casamento de Javé com o povo de Israel; no Novo Testamento, encontram-se muitas vezes referências à Igreja cristã como a noiva de Cristo. (LEXIKON, 1994, p. 48).

O que Dona Henriqueta quer dizer é que, se a mulher não se casa, ela pode perder-se, ou seja, pode relacionar-se livremente com homens e se tornar uma mulher “perdida”. A sexualidade dos filhos era percebida como um tabu e Dona Henriqueta já sabia da astúcia que tinha o verão. O calor cumpriria o que a primavera já anunciara, o que se confirma pela febre sentida por Ana Terra, febre esta que lhe penetrava pelas entranhas: “Cigarras rechinavam lá fora. E mesmo sem ouvir o barulho do vento Ana sabia que estava ventando, pois seus nervos adivinhavam... Era um vento quente do

norte a levantar uma poeira seca (...). (VERISSIMO, 1999, p. 54). Assim, no meio de uma noite quente a personagem sentiu o corpo apontar um “norte”, mesmo que não compreendesse. “Agora, sim, ela ouvia o vento.” (VERISSIMO, 1999, p. 54).

O calor dilata os corpos, deixando-os maleáveis; assim também o calor do verão vai flexibilizando a resistência da protagonista, e ela segue o impulso do vento quente que sopra numa constância avassaladora, de forma que a *Stimmung* se concentra na atmosfera de sensualidade e atração. Nessa noite, Ana Terra segue até a sanga e lá se deita à beira d’água para refrescar-se, encontrando-se com Pedro Missioneiro e entregando-se a ele por desejo no mesmo lugar em que o encontrara ferido: “aquele momento que passara com o índio à beira da sanga lhe havia ficado na memória duma forma confusa. Lembrava-se duma exaltação tocada de horror, dum doloroso dilaceramento misturado de gozo, e também do desespero de quem faz uma coisa que teme só para se livrar da obsessão desse temor.” (VERISSIMO, 1999, p. 57).

E assim o mestiço de alma virgem encanta a moça com alma de vento. Nesta união, ela concebe um filho. Os dias passam até ela contar sobre a gravidez à mãe, ao pai e aos irmãos. A notícia atinge Maneco Terra como um tronco desgovernado por um vendaval. Ele orienta os filhos para que lavem a honra da família com o sangue de Pedro Missioneiro:

Agora, deitada no chão, tomada duma invencível canseira, Ana Terra, sem compreender bem o que via, seguia com os olhos os movimentos dos irmãos que montaram nos seus cavalos e, levando um terceiro a cabresto, seguiram a trote na direção da sanga. Ouviu quando o pai lhes gritou: - Bem longe daqui... (VERISSIMO, 1999, p. 62).

A gravidez, a frustração e a impotência diante da morte de Pedro Missioneiro puseram Ana Terra a ouvir o vento lhe avisar sobre o destino de seu filho: “Mas uma nova sensação de desalento gelado a invadiu quando ela imaginou o filho vivendo naquele descampado, ouvindo o vento, tomando chimarrão com os outros num silêncio de pedra, a cara, as mãos, os pés encardidos de terra, a camisa cheirando a sangue de boi (ou sangue de gente?).” (VERISSIMO, 1999, p. 66).

No texto bíblico de Eclesiastes; Capítulo I; Verso 6; “O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo os seus circuitos.” O vento é como a vida, tudo vai e volta, não há nada no mundo que permaneça estático. Assim, a ambiência de solidão e desalento gerada pelo sopro implacável do vento minua auxi-

lia na construção das sensações psíquicas que configuram a *Stimmung*. E, ao ouvir as primeiras manifestações da proximidade do parto, o pai e os irmãos se ausentam da casa: “Ao ouvirem os gemidos da rapariga, os três homens encilharam os cavalos, montaram e se foram, sem dizer onde. D. Henriqueta viu-os partir e não perguntou nada.” (VERISSIMO, 1999, p. 71).

O nascimento de Pedro Terra introduz nova alteração no clima da narrativa a partir do capítulo treze. Ana Terra, ao contrário do que acontecia antes, pouco se apercebe do vento: “Os anos chegavam e se iam. (...) deixando sua marca nas árvores, na terra, nas coisas e nas pessoas.” (VERISSIMO, 1999, p. 77-78). O filho, como era de se esperar, ocupa física e emocionalmente a protagonista.

Observa-se um descompasso em relação à menção do vento. Se há vinte e uma menções ao vento entre o capítulo um ao capítulo quatorze, nas ações desencadeadas entre o décimo quinto e vigésimo primeiro capítulo há apenas cinco menções ao vento. Tal alteração pode ser justificada pelas inúmeras modificações na vida da protagonista: a morte da mãe, a invasão da estância, que é dizimada por castelhanos, o assassinato do pai, do irmão e de dois escravos e o brutal estupro coletivo pelo qual passa Ana Terra, outro clímax do episódio. A violação brutal de Ana Terra dá sequência à segunda grande alteração na vida da protagonista. Ela, o filho, a cunhada e a sobrinha fogem da estância com uma comitiva que segue para Santa Fé. O foco de atenção a partir do capítulo vinte e um se desloca para a sobrevivência independente de Ana Terra. A viagem da estância até Santa Fé é longa e Ana Terra gasta o tempo digerindo suas memórias recentes, no passo lento do carro de boi.

Quando a personagem chega em Santa Fé, a atmosfera altera-se, de maneira que a *Stimmung* passa a se concentrar na ânsia pela sobrevivência:

“Ouvira dizer que um homem na vila do Rio Grande tinha aberto uma aula para ensinar a ler, escrever e contar. Mais tarde, quando Santa Fé fosse povoado, talvez o coronel mandasse abrir uma escola, se bem que no fundo ela achasse que uma pessoa podia viver muito bem e ser honrada sem precisar saber as letras.” (VERISSIMO, 1999, p. 119).

Santa Fé é o espaço em que a protagonista consolida sua autonomia. Compra um trecho de terra, constrói uma casa, constitui uma lavoura e torna-se parteira, sempre acompanhada pela tesoura da mãe, que cortou muitos cordões umbilicais. As ações agora são velozes e partem da protagonista, ela toma as rédeas da vida, enquanto o narrador vai trazendo informações sobre o lugar e sua gente. A natureza não é mais observada, não

há um “estar na natureza”, mas uma “luta com a natureza” em busca pela sobrevivência.

Ao final do capítulo vinte e três, Ana está sentada à frente de seu rancho, admirando os muitos meninos e meninas que ajudou a nascer. O vento soprara para longe os muitos dias de medo e ansiedade. Pedro crescerá. Nesse momento, a protagonista retoma sua percepção acerca do vento: “O vento minúano às vezes parecia prender a noite e afugentar o dia que tentava nascer. Tudo era mais comprido, mais triste e mais custoso no inverno.” (VERISSIMO, 1999, p. 121). Pedro Terra faz vinte anos. A menção ao vento na narrativa faz acreditar que a relação entre este elemento e a protagonista é retomada.

Quando os castelhanos invadem novamente o Rio Grande, os homens são convocados para a guerra: “Dias depois o Cel. Ricardo apareceu montado no seu cavalo (...) e expôs a situação. Chegara à sua estância um próprio trazendo um ofício em que o governador do Continente lhe comunicava que na Europa, Portugal e Espanha estavam de novo em guerra.” (VERISSIMO, 1999, p. 124). Ana Terra se despede do filho, que segue para a luta. Nessa hora, ela apoia-se no vento. “Longe, quando já começava o declive da grande coxilha, Pedro fez estacar seu cavalo, torceu o busto, e acenou tristemente com a mão. As mulheres responderam ao aceno. Foi só então que Ana Terra percebeu que estava ventando.” (VERISSIMO, 1999, p. 127).

Muitos não retornam da guerra, mas Pedro Terra volta para Santa Fé, casa-se com Arminda Melo e retoma o trabalho na lavoura. Tempos depois nasce seu filho Juvenal. Em 1806, nasce a filha: “No inverno de 1806 Ana ajudou a trazer para o mundo seu segundo neto, uma menina que recebeu o nome de Bibiana. Ao ver-lhe o sexo, a avó resmungou: ‘Mais uma escrava.’ E atirou a tesoura em cima da mesa num gesto de raiva e ao mesmo tempo de alegria.” (VERISSIMO, 1999, p. 138). Bibiana será a protagonista do próximo episódio, *Um certo capitão Rodrigo*.

Ana Terra aprecia o povoado de Santa Fé crescer. Há rumores de uma nova guerra. O vento novamente torna-se presença, encontrando-se no último parágrafo da narrativa. A frase emblemática que encerra o parágrafo ecoará na mente de sua neta Bibiana, quase um século depois, durante o cerco do Sobrado da família Terra-Cambará, às portas da Proclamação da República:

E quando um novo inverno chegou e o minúano começou a soprar, ela o recebeu como a um velho amigo resmungão que gemendo cruzava por seu rancho sem parar e seguia campo afora. (...) E as noites de ventania ela pensava principalmente em sepulturas e naqueles que tinham ido para

o outro mundo. (...) Era por isso muito mais tarde, sendo já mulher feita, Bibiana ouvia a avó dizer quando ventava: “Noite de vento, noite dos mortos (...)”. (VERISSIMO, 1999, p. 142).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza, marcadamente as plantas, os animais, o sol, a lua, o vento, o clima e as estações embalam a vida e as ações em *Ana Terra*, de forma que sua relação com as personagens cria sensações físicas e psíquicas que configuram a *Stimmung*. Das manifestações da natureza envolvidas nesta configuração, escolheu-se o vento, devido ao forte paralelismo apresentado em relação aos estados de ânimo da protagonista. Percebe-se que o vento é companheiro de Ana Terra, que partilha de suas percepções sensoriais, lhe faz companhia e é presença em eventos marcantes, como o encontro com Pedro Missioneiro, a descoberta da sexualidade, a morte da mãe e a percepção da própria força. A partir da definição de *Stimmung* como um catalisador de sensações interiores, Ana Terra aparece representada como em estreita comunhão com a natureza, com raízes na terra em que pisa, escolhendo, ao mesmo tempo, o vento como companheiro de sua jornada. E se no princípio o vento lhe faz companhia, ao fim da narrativa ela se refere a ele chamando-o “velho amigo resmungão”. -

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *Iracema*. Edição didática. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: DCL. 2005. Coleção Grandes nomes da Literatura.
- BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. Tradução: Ana Maria Chaves. São Paulo: Lua de papel, 2009. Título original: *Wuthering heights*.
- CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva et al. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ...E O VENTO LEVOU (*Gone with the Wind*). Direção: Victor Fleming; George Cukor; Sam Wood. Intérpretes: Vivien Leigh; Clark Gable; Leslie Howard. Roteiro: Sidney Howard. Música: Max Steiner. EUA: Selznick Internacional Pictures, 1939. 1 DVD (238 minutos).

- GRUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung*: sobre um potencial oculto da literatura. Tradução Ana Isabel Soares. 1.ed. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC Rio, 2014.
- LEXICON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- MENEZES, Adélia Bezerra de. *Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.
- MITCHELL, Margaret. *E o vento levou*. Tradução de Marilene Tombini. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. Modernismo. 3. ed. ver. e aum. São Paulo: Cultrix, 1996.
- SILVA, A. da S. As noções de *Stimmung* em uma série histórica: entre disposição e atmosfera. *Revista Trans/Form/Ação*, Marília, v. 39, p.53-74, 2016, Edição Especial. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/trans/v39ns-pe/0101-3173-trans-39-spe-0053.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2020.
- SILVA, V. M. de A. E. *Teoria da Literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1996.
- SOUZA, B. J. de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.
- STIMMUNG. In: *DICIONÁRIO Michaelis* alemão-português. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/escolar-alemao/busca/alemao-portugues/stimmung/>>. Acesso em: 05 maio 2020.
- VERISSIMO, Erico. *Ana Terra*. 50. ed. São Paulo: Globo, 1999.

Recebido em 26/05/2020

Aprovado em 09/11/2020